

KONDRATIEFF, CICLOS MÉDIOS E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Armen Mamigonian

- I) Até a Revolução Industrial a humanidade conheceu ritmos climáticos nas suas atividades econômicas: os anos climáticos catastróficos seguidos provocaram fome e epidemias e levaram a conflitos 1) entre senhores e servos da Europa medieval e possibilidades de melhor (ocidente) ou pior (oriente) divisão do excedente econômico; 2) entre camponeses e burocracia imperial na Ásia (China), com ampliação das obras públicas de barragens, canalizações, etc., ou empobrecimento generalizado.
- II) A Revolução Industrial dos fins do séc. XVIII inaugurou os ritmos industriais de várias durações, principalmente os ciclos decenais (juglarianos) e os ciclo longos, de cinquenta anos (Kondratieff), cada ciclo com fase expansiva ("a") a fase depressiva ("b"). Marx e Engels constataram os ciclos decenais entre 1848 e 1857, que foram sistematizados estatisticamente por Juglar em 1960. Engels assinalou também a chamada "longa depressão do final do séc. XIX" e a sistematização estatística dos ciclos longos foi feita entre 1918-21 por N. Kondratieff (1926)
- III) Até hoje tanto entre marxistas como não-marxistas há resistência à aceitação dos ciclos longos, pois como assinalou Rangel, para a URSS não convinha admitir que o capitalismo em depressão poderia sair da crise e voltar a se expandir e para o ocidente não interessava admitir que após longos anos de expansão poderia advir um período depressivo na economia. A possibilidade de administrar os ciclos decenais foi teorizada por Keynes e posto em prática nos anos 30 na Alemanha. Estados Unidos, etc. já a administração dos ciclos Kondratieff não foi teorizada a esta omissão é uma das raízes da crise da URSS.
- IV) Como Marx assinalou, a crise decenais são basicamente de superprodução (ou subconsumo ou inter-setoriais, e que vem a dar no mesmo), enquanto as crises do ciclo longo parecem estar ligadas a tendência à queda da taxa de lucro de longo prazo, com o esgotamento do uso das invenções revolucionárias ligadas a cada revolução industrial. Note-se que cada revolução industrial tem ocorrido de dois em dois Kondratieff (a 1ª em fins do séc. XVIII, a 2ª em fins do séc. XIX e a 3ª está por se iniciar), sob a liderança sucessivamente da Inglaterra (1º), dos EUA e Alemanha (2º) e Japão (3º), num movimento geográfico profeticamente assinalado por Hegel.
- V) Note-se que se o 1º, 3º e 5º Kondratieff se abrem como revoluções industriais, o 2º (1948-73, fase expansiva) e o 4º (1948-73, fase expansiva) se abrem como revoluções nos transportes, com aplicações de invenções já realizadas nas revoluções industriais voltadas agora a este setor de circulação e a expansão da anterior revolução industrial em novas regiões geográficas (EUA e Alemanha entre 1848-73 p. ex.).
- VI) As fases depressivas, nas quais as taxas de lucro estão baixas, correspondem a períodos de extremo desafio para a retomada da lucratividade perdida, por um esforço intenso de invenções, que se transformam em tecnologia nova, mais nova e depois novíssima, que permitem desencadear uma nova onda de investimentos maciços, sucateando o capital fixo envelhecido, por ter alcançado 1) alto grau de avanço técnico e 2) preço baixo, consequentemente atrativo ao papel de "destruição criadora" (Rangel e Schumpeter)
- VII) As fases depressivas são fases de expansão geográfica, expansão extensiva dos capitais até então hegemônicos no mundo, mas expansão defensiva economicamente (e ofensiva militarmente), como a chamada expansão imperialista, inglesa principalmente, na fase "b" do 2º Kondratieff (1873-1896) ou também a expansão das multinacionais, principalmente americanas, na fase "b" do 3º Kondratieff (1920-48): GM e Ford ocupando a Europa e companhias petrolíferas ocupando o Mundo.

VIII) As perdas de poder econômico das potências hegemônicas (Inglaterra - 1ª RI e EUA 2ª RI) no final de dois Kondratieff de dominação estão ligadas à perda de capacidade de renovação tecnológica decorrente da substituição da concorrência por domínios oligopólicos propiciadores de super-lucros: império colonial inglês com mercados cativos no século XIX e cartelização oligopólica das multinacionais americanas (p. ex. GM, Ford, Chrysler na indústria automobilística mundial)

IX) Entre os que aceitam os ciclos longos existem duas interpretações quanto às causas: 1) no item IV assinalamos nossa preferência pela causa interna ao sistema econômico capitalista: 1) tendência à queda da lucratividade sob capitalismo estimula invenções que restabelecem lucratividade e aplicadas sucessivamente aos diferentes setores e ramos acabam esgotando a lucratividade possível, provocando a necessidade de novas invenções; 2) Mandel, entre outros, prefere a causa extra-econômica, de preferência política: a “onda ascendente” (e não ciclo) da pós-guerra (1948-73) nasceu de “ininterrupta revolução tecnológica” decorrente da corrida armamentista, mas os satélites de telecomunicações datam de 1969...

X) A escola de regulação (Aglieta, Boyer entre outros), indicou a necessidade de estudar regimes de acumulação, de estudar os acoplamentos produção-consumo e assinalaram a ocorrência da regulação concorrencial no século XIX, com disputas acirradas dos mercados externos, substituída pela regulação fordista no século XX, com sustentação dos mercados internos (políticas keynesianas). Na verdade o taylorismo, como organização do trabalho, é parte integrante da 2ª RI e foi completada pelo fordismo. O toyotismo veio substituir o taylorismo, mas o substituto do fordismo está para ser criado após a eclosão da 3ª RI (novo acoplamento produção-consumo é necessário ao capitalismo)

XI) Os períodos depressivos (vivemos num deles de 1973-1996) correspondem a mudanças profundas de conjunturas econômicas, políticas, sociais e espaciais. Assim a conjuntura depressiva 1920-48 provocou nova relação mundo-nações: a Inglaterra abandonou definitivamente o livre-cambismo e houve fechamento dos mercados nacionais nos EUA, Alemanha, França e na periferia do sistema capitalista (e substituições de importações se aceleraram). O período depressivo atual, sem o fechamento abrupto do mercado americano, diferentemente da queda do comércio mundial dos anos 30, significam ampliação das trocas internacionais e chance para as exportações dos mais competitivos; 1) Japão e Alemanha ao centro do sistema, 2) Brasil, Coreia do Sul, Taiwan na periferia. A crise da economia americana coloca a questão: “globalização” ou projetos nacionais emergentes (Brasil, Coreia do Sul, China, etc.).

XII) Os períodos expansivos e os períodos depressivos criam situações distintas, estas relações centro-periferia, como assinalou Rangel para o Brasil, mas válidas para a periferia em geral, os períodos depressivos desencadeados no centro (1815-48 / 1877-96 / 1920-48 / 1973-96) exigem, pelas tensões econômicas, sociais e políticas mudanças dos postos de poder. No caso do Brasil independência, Abolição-República, Revolução de 30 e políticas de substituições de importações, usando capacidades deixadas ociosas pelas crises. No caso brasileiro, atualmente o epicentro da crise se localiza geograficamente nas grandes cidades (S. Paulo, R. Janeiro, etc.), onde se encontram: 1) capacidade industriais instaladas sub-utilizadas, 2) nós-de-estrangulamentos nas infra-estruturas (saneamento básico, metrô, etc.), 3) mão-de-obra especializada e braçal desempregada.

XIII) A organização do espaço sob o capitalismo dependeu e depende das revoluções industriais, das revoluções nos transportes (conjunturas expansivas), mas também das reestruturações econômicas espaciais que ocorrem nos períodos depressivos. Os exemplos são inúmeros: 1) nas cidades do mundo toda a 1ª RI corresponde à localização industriais junto às EF e nas de navegação, tem como a “houssmanização” do espaço social urbano, 2) a 2ª corresponde à americanização do espaço urbano, com verticalizações, express-ways urbanas, etc., 3) a revolução nas dimensões dos navios de carga transoceânicos de após 45 corresponde à integração da mineração de ferro, bauxita, carvão, etc. transcontinental (Brasil, Austrália, etc.), 4) o período depressivo 1973-96 empurrou várias produções industriais para fora do centro do sistema (compressores para Singapura e Brasil) ou para novas regiões industriais dentro do centro do sistema (Sul dos EUA, península Ibérica, etc.).